Parte I

A noite anunciava-se cálida. Transportado por uma imperceptível brisa, o rumor da passagem de um pachorrento comboio pela Linha do Oeste corroborava essa sensação. A temperatura convidava a um passeio pelas ruas e caminhos. Quem apurasse o ouvido, podia escutar o piar melancólico de alguma coruja ou a cantoria dos grilos nos prados que se estendiam em direcção a Morelena e à Fação, para lá das grandes fábricas cujo som dos engenhos a cortar os blocos de lioz se sentia mais intensamente à noite.

Depois das chuvadas de Abril, a terra regurgitava vida e emanava odores primaveris que flutuavam até que o tempo mudasse. Enquanto isso não sucedia, os aromas das madressilvas seduziam os mais incautos, levando-os a embrenhar-se nos campos para as apanhar e fazer pequenos arranjos florais.

Mena da Adiça — nome pelo qual era conhecido Arménio Tereno —, apoiando os costados na parede da qual pedaços de cal se soltavam, coçou a pronunciada calva enquanto segurava entre os dedos a boina ruça e velha de décadas que usava quando trabalhava no fundo das pedreiras da Carrasqueira e do Condado. Os vapores alcoólicos dos copos na taberna do Almocreve teimavam em toldar-lhe o raciocínio. Arménio, alentejano de lombo largo, não obstante atarracado de tronco e com pernas grossas e arqueadas, dificilmente se embebedava, mesmo que bebesse um garrafão de vinho.

— Irra! Isto hoje foi bera! — suspirava, tentando acender um amarfanhado cigarro cuja ponta encaixara no espaço de um canino perdido devido a um soco dado sabe-se lá por quem numa rixa ocorrida durante um jogo de futebol com as gentes de Montelavar, sede da freguesia, terra de obstinados rivais e adversários dos de Pêro Pinheiro.

Natural do Sobral da Adiça, perto de Moura, no Baixo Alentejo, Arménio migrara há mais de quarenta anos, ainda gaiato, para as terras saloias em busca de ganhar dinheiro ou de, pelo menos, passar menos fome, coisa que o atormentara na juventude devido à carestia resultante da I Guerra Mundial e à desgraçada pneumónica que lhe reclamou dois irmãos, três primos e umas dúzias de conterrâneos.

Enquanto Arménio, abandonando o lar aos catorze anos, caminhou para ocidente, depois de curta passagem de má memória por Vila Viçosa, onde, apesar de lhe faltar parte do indicador esquerdo — arrancado quando tinha pouco mais de um ano e meio por uma coelha parideira que zelava os seus láparos… —, aprendera os rudimentos da arte de talhar a pedra junto de um pedreiro de maus fígados que restaurava casas da antiga nobreza em torno do paço ducal, o único irmão que lhe restava optava por seguir para sul, tendo acabado por se estabelecer em São Brás de Alportel, no Algarve.

— O que é que o teu irmão faz? — perguntavam-lhe os companheiros de copos depois de lhes anunciar que o sobrinho estava prestes a chegar àquelas paragens, conforme anunciava a carta que recebera nesse final de tarde.

Escrita com uma letra irregular, mas legível, cheia de erros ortográficos, Amândio Tereno rogava que fosse dada guarida a Belmiro, o filho mais velho. A justificação causou um arrepio no canteiro. O rapaz tivera problemas com as autoridades…

— Hom'essa! Queres ver que arranjou sarilho ca PIDE?! — admirava-se junto da mulher, depois de ter decifrado as assimétricas letras no papel.

Apesar de ter abandonado Moura há quatro décadas e de morar em Pêro Pinheiro desde que se casara com Aida, a filha do António — a que, pela profissão, todos chamam António Coveiro —, nos dias em que os militares derrubaram a República, Arménio nunca perdera a típica pronúncia das gentes transtaganas, o que fazia com que amiúde fosse gozado.

— Então, vossemecês 'tão fartos de saber. É pedreiro. Aquilo que eu não quis ser em Vila Viçosa, acabou ele por agarrar. Farta-se de fazer casas em terra… — explicava, omitindo o pormenor de os *sobrinhos do tio António* andarem de olho no filho mais velho do seu irmão.

— Em terra?! — surpreendiam-se os cabouqueiros e canteiros. — Ele é pedreiro ou cavador? Não me digas que não há pedras que chegue no Algarve pra fazer casas de jeito!

Arménio ria-se da ignorância daqueles que o rodeavam. Gente rude, que trabalhava na extracção e transformação do lioz, desconhecia por completo outros métodos construtivos que não implicassem o uso de pedra.

— Sim, terra — acentuava o alentejano, erguendo com autoridade a mão esquerda, semicerrando o olhar, fazendo com que as espessas e felpudas sobrancelhas se tocassem, sobressaindo do fundo dessa sombra uns olhos de um azul celeste, reminiscência ancestral de sangue de cruzados nórdicos na sua família, coisa assaz comum em certas zonas raianas onde esses guerreiros tinham assentado arraiais para proteger e povoar as terras concedidas pela Coroa como pagamento pelos esforços na luta contra os seguidores de Mafoma.

— Nunca ouvi tal coisa — observava David, o filho do almocreve, que, após a morte do pai, explorava a taberna. — Casas de terra são tocas pra bichos!

Arménio não se intimidou. Pacientemente, esclareceu que no Alentejo era comum as pessoas construírem habitações com recurso a terra.

— É a chamada taipa. E são bem frescas.

— Já bebeste demais. Isso é lá possível!

— Ora, queres ver que temos de ir de *caminete* até Moura pra verificarem como estou falando verdade?

Muitos riram-se, como se fosse anedota, assim como dos trejeitos de Arménio e do seu coto, que com veemência agitava, como se aquele dedo imaginário os acusasse de tacanhez de espírito.

O canteiro, fingindo-se indignado, sorvia com avidez os copos de vinho que David Almocreve lhe depositava sobre o balcão.

Menos mal, pensava. *Assim, não me perguntam coisas sobre o gaiato. Não se pode confiar em toda esta gente. Sei lá eu se há por aqui algum bufo como aquele amanuense que trata da escrita de todos nós ou como aquele pilantra do Plácido da Burra!*

A noite ia alta quando o dono do estabelecimento colocou na rua os últimos fregueses. O dia seguinte era sábado, pelo que não surpreendia ainda estar aberto àquelas horas. Muitos dos homens que por ali passavam recebiam à semana, no final de cada sexta-feira, e vários não se importavam de espatifar logo parte do ordenado em pródigas quantidades de vinho, bagaço e cerveja, ou num jogo de cartas.

— A vida deles é dura… — dizia Almocreve à mulher sempre que chegava a casa de madrugada.

Lurdes não gostava que David viesse a cheirar a vinho e a tabaco, coisa impossível tendo em conta aquele que era o seu local de trabalho.

— Escusas de fazer essa cara! Sabes tão bem quanto eu que esta malta precisa de beber para se sentir feliz. O teu pai fazia o mesmo e os teus irmãos também.

Lurdes voltava costas ao marido.

— Pronto, lá tinhas de falar da minha família! Só porque foste um privilegiado, filho e neto de almocreves com dinheiro, que decidiram ficar com a taberna do Sancho quando tu ainda andavas no bucho da tua mãe, falas com cagança dos maus hábitos dos meus parentes!

— Cala-te! — bufava David. — Sabes lá o que dizes! Estou a lixar-me pròs teus! Parvo sou, que os aturo. Na maior parte das vezes, piram-se sem pagar. E eu lá vou fechando os olhos, só porque são da tua família.

Enquanto o dono da taberna tinha a habitual discussão semanal com a mulher, Arménio Tereno, a algumas centenas de metros, voltava a coçar a calva e a tentar acender o cigarro.

— Merda de paus de lume! — maldizia enquanto raspava a ponta do fósforo na lixa, desfazendo a primeira sem que esta se ateasse, o que só sucedeu à quarta tentativa.

Puxando uma profunda baforada, o canteiro tossicou um pouco e palpou o peito, mas pareceu ficar tranquilo. As suas turvas ideias concentraram-se, então, em Belmiro. O que é que esse gaiato tramara desta vez?

— Gaiato?! — admirava-se Aida, compondo o farto busto sob a bata cinzenta que usava desde que se levantava da cama até quando a esta regressava, sempre perto da meia-noite.

Mulher laboriosa e dona do seu nariz, somente ao domingo se obrigava a vestir outra roupa, mais composta, aquando da ida à missa a Montelavar, onde um eloquente padre, João, minhoto bem-parecido que ali arribara dez anos antes, fazia secretamente suspirar as senhoras bem casadas daquelas terras.

— O teu sobrinho já tem mais de vinte anos, idade suficiente para ter juízo!

Arménio ignorou as críticas. No entanto, não deixava de ser certo que, das poucas vezes em que tinham visto Belmiro, este não lhes causara boa impressão. Irrequieto e avesso a qualquer tipo de autoridade, o jovem lá ia fazendo

das suas, saltitando de trabalho em trabalho depois de ter completado, a custo, a quarta classe, arranjando constantes problemas aos pais. Estes, desesperados, mais não sabiam que fazer para o colocar na devida ordem.

O Amândio diz que ele se comporta assim por ter o pé torto, pensava o canteiro, recordando a desculpa que o irmão lhe dava para o comportamento do filho. *Mas o que é que o pé tem que ver com o resto?*

*

Belmiro nascera com uma deformação no pé direito. Não se podia dizer que sofria de pé boto, mas essa situação servira para lhe acentuar o espírito insubmisso. Gozado pelos colegas de infância, ignorado pelas raparigas na adolescência — o seu ligeiro coxear era interpretado como fraqueza, apesar de ter tanta força como o mais forte dos rapazes da terra, de conseguir correr tão depressa como qualquer um e de apresentar um corpo robusto, uma densa cabeleira cor de trigo, traços finos e, tal como o tio, uns profundos olhos azuis —, encontraria na leitura refúgio para as frustrações. Até isto era insólito nele, em alguém de tão modestas origens, sem hábitos similares na família.

Aconteceu que o acaso lhe depositou um livro nas mãos e de um autor proibido pelo regime de então.

— *Gaibéus*, do Alves Redol… — segredou-lhe um operário da CUF de passagem por São Brás de Alportel, em visita a familiares e em recuperação depois de um acidente de trabalho.

O homem simpatizara com aquele rapaz quando o viu enfrentar, sozinho, junto à igreja matriz da vila, um grupo de catraios que teimavam em achincalhá-lo por ser manco. Ameaçando-os com a bengala que o ajudava a caminhar durante a reabilitação, o operário encetou conversa com aquele, que, literalmente, lambia as feridas que apresentava numa das mãos.

— Não suporto injustiças — observou, sentando-se sem pedir licença ao lado do jovem. — E todos os dias sou obrigado a vê-las.

Erguendo o sobrolho, Belmiro mirou de esguelha aquele estranho.

— O qu'é que vossemecê quer de mim? Nã preciso de ninguém pra me defender.

Albano riu-se daquela agressividade. Como um animal ferido por espécimes do seu próprio bando, o rapaz respirava raiva e frustração.

— Nã?! Vejo que és filho desta terra. Se queres ser respeitado, tens de aprender a falar melhor. Um homem que saiba exprimir correctamente aquilo que pensa, mesmo que uma imbecilidade, carrega sempre uma arma poderosa.

O jovem sentiu-se ofendido com o reparo. Ensaiou resposta à altura, mas deixou-se antecipar pelo estranho.

— Calma. Não te quero mal. Sou o filho do Tóino da Chafarica. Os teus pais devem saber quem é. Toda a gente em São Brás conhece o meu velhote.

Belmiro tranquilizou-se. Naquelas serranias, todos conheciam o dono da mercearia que abastecia os que ali viviam num raio de vários quilómetros.

— Mas vossemecê nã… não trabalha na loja. E até o seu linguajar é com'ó das gentes de Lisboa… — observava, novamente na defensiva.

— Trabalho no Barreiro, nos estaleiros da CUF. Já deves ter ouvido falar. Há muita gente daqui e do Alentejo que anda por lá a construir navios. Fui para lá porque nunca quis depender do meu pai. Acho que é por ser como tu…

— Com'eu?!

— Avesso à autoridade. Sabes porque razão os outros se metiam contigo?

Belmiro quis responder, mas não foi suficientemente rápido a organizar as palavras. Aquele sujeito parecia ter razão: um homem que soubesse falar bem tinha vantagem.

— Por seres melhor do que eles, mais esperto… e até mais bem-parecido.

O rapaz estremeceu. Que tipo de observação era aquela? *Queres ver qu'és…?*

Albano riu-se da súbita mudança de cor do semblante de quem o ouvia.

— O que foi? Achas que um homem não pode dizer o que pensa em relação ao aspecto de outro?

Belmiro, mais uma vez, tentou ripostar, mas falhou.

— Não te preocupes. Eu gosto de mulheres. E muito!

A piscadela de olho serenou o filho de Amândio.

— Voltando às injustiças… Os tempos são outros. Quando era miúdo, acreditei que o país iria melhorar, sobretudo depois de os nazis terem sido derrotados.

Nesses dias, o operário fabril deixara-se seduzir pelo vento de mudança que a vitória dos Aliados podia trazer a Portugal. Milhares de opositores perderam o medo e começaram a manifestar-se por uma transformação em prol da liberdade e da justiça. As eleições presidenciais de 1949 serviriam para catapultar toda uma série de reivindicações.

Congregados em torno da figura do general Norton de Matos, os que se opunham ao Estado Novo depositaram esperanças neste homem, um dos mais respeitados do país, antigo governador-geral de Angola, fundador da cidade de Huambo[1], ex-ministro das Colónias e representante de Portugal na Conferência de Paz de Paris, que se seguiu à I Guerra Mundial.

Mais uma vez, Belmiro olhou de soslaio para Albano. Aquilo era conversa perigosa. Pouco tempos antes, vira um homem ser levado de uma taberna por guardas-republicanos, dizia-se que para o presídio de Tavira, depois de um agente da PIDE ter ouvido o infeliz afirmar qualquer coisa que interpretou como crítica ao governo.

— Não quero nada com essas coisas! Vossemecê deve querer ser preso.

O operário soltou uma gargalhada que confundiu o rapaz.

— Não seria a primeira vez!

Com esta confissão, Albano cativou a atenção do jovem. Sem delongas, relatou o que passara depois de ter sido arrastado para os calabouços da polícia política.

— Tive a sorte de nada de concreto terem contra mim durante uma greve que aconteceu há dez anos. Os guardas apareceram e arrebanharam todos os que encontraram pela frente, tanto os que protestavam como os que estavam a trabalhar. No meio da confusão, não souberam diferenciar os maus dos bons. Depois de três dias, o governo decidiu libertar a maioria dos trabalhadores que tinham sido presos. Somente uns quantos, aqueles que já eram conhecidos pela PIDE, ficaram detidos. Foi nessa ocasião que tomei consciência de que era preciso fazer algo urgentemente.

Participando em reuniões clandestinas patrocinadas pelo Partido Comunista, Albano seria doutrinado pelos que viviam nas sombras e que somente à noite ousavam sair das luras para espalhar panfletos entre a população mais desfavorecida, instigando-a para lutar contra a opressão e a exploração.

— Comecei a ler.

— A ler?!

— Deram-me livros para aprender. Foi como se nascesse de novo.

*

[1] Cf. diploma legislativo de 8/8/1912. Em 1928, o governador de então, Vicente Ferreira (1874-1953), alterou a denominação para Nova Lisboa, mantendo-se esta até 1975.

Nos dias que se seguiram, Belmiro conversaria várias vezes com Albano. Entre ambos surgiu uma genuína empatia e passaram a tratar-se como amigos. A curiosidade do rapaz dificilmente era refreada nos diálogos que tinha com o trabalhador da CUF.

— Sou comunista — disse Albano, poucos dias antes de regressar ao Barreiro.

— Comunista? Bem, eu já tinha suspeitado… — mentiu o jovem.

O operário sorriu antes de retirar do bolso do casaco um pedaço de fino papel dobrado em muitas partes. Um exemplar do jornal *Avante!*

— É para ti. Lê-o e passa-o depois a quem considerares de confiança… Desde que seja simpatizante da causa, claro está!

O rapaz sopesou as páginas com displicência, mas um brilho no olhar atraiçoá-lo-ia. Nunca alguém se mostrara tão generoso para consigo. Que preço teria de pagar?

Adivinhando aqueles pensamentos, o convalescente adiantar-se-ia.

— Ainda não tinhas percebido? — ironizou. — Sou comunista, tal como quase todos aqueles que trabalham comigo. Só o comunismo pode tornar a sociedade mais justa e próspera.

Aquela confissão baralhou a mente do filho do alvenel. As palavras em questão não lhe eram estranhas. Ditas em surdina pelas gentes locais para classificar algo quando sucedia uma rusga da PIDE ou da GNR, jamais eram pronunciadas em público. O mesmo ocorria com outras, as quais pareciam constar incluídas no *Index* do governo. Termos como «marxista», «leninista», «socialista», «anarquista» ou «democrata» estavam oficiosamente banidos.

— O meu pai diz o contrário. Para ele, os comunistas são gente apoucada.

— Parece-te que tenho falta de juízo?

Belmiro não respondeu. Estava surpreendido com o facto de conhecer alguém que se assumia como comunista como se isso fosse algo perfeitamente natural.

— Se calhar, sou mesmo doido, por contar estas coisas a um miúdo que mal largou as fraldas…

A provocação fez com que o rapaz se mostrasse escandalizado.

— Quem julga que sou? Um bufo? Fique sabendo que há por aí mais gente como vossemecê. Só não arriscam dizê-lo porque querem conservar a cabeça em cima do pescoço.

Albano divertiu-se com aquela indignação. Como poucos, sabia que alguns corticeiros mais esclarecidos das serranias algarvias e outros operários

da indústria conserveira que por ali passavam se manifestavam a favor dos ideais de esquerda, mesmo que não publicamente.

— É tudo uma questão de tempo. Hoje, somos centenas. Amanhã, milhões.

— Espero cá estar para ver isso!

— Estou certo de que sim.

Nos últimos encontros que tiveram, o operário dissertaria acerca da sua opção política e sobre o que já lera relacionado com isso.

— Tudo clandestino, claro! Os pides, se apanham algum desses livros, não se ensaiam nada de fazer um verdadeiro auto de fé, como os da Inquisição.

Se a vida dos opositores ao regime não era fácil, a daqueles que pugnavam pelas ideias de Marx era de todas a mais difícil.

— A maior parte dos meus camaradas vive na clandestinidade, com identidades falsas, saltando de buraco em buraco para não serem apanhados.

Vidas miseráveis, conforme o próprio Albano reconhecia. Apenas uma inabalável determinação permitia que levassem uma existência semelhante à dos ratos, só ousando sair dos insalubres ninhos quando os falcões pidescos deixavam de pairar no ar.

— Desde a prisão dos líderes do partido, a situação tornou-se precária. Praticamente, já não existem controleiros, os que orientam os camaradas transmitindo as instruções das chefias para a realização de certos actos, como distribuição de panfletos e jornais, sabotagens, apoio a famílias de opositores presos. Eu, por exemplo, tive um controleiro e estive para ser um.

— Porque não foi?

— Essa gente vive escondida, com documentos forjados. Eu, como já trabalhava na CUF quando fui contactado, não me encaixava no perfil. Era demasiado arriscado abandonar a posição dentro do estaleiro para enveredar por uma vida subterrânea. O partido preferiu manter-me onde estou. Acredito que o Cunhal assim o determinou…

— O Cunhal? Esse nome não me é estranho.

Instado a esclarecer, Albano falou daquele que era o líder dos comunistas portugueses desde a morte de Bento Gonçalves, em 1942, no Campo do Tarrafal, na ilha cabo-verdiana de Santiago.

— Está em Peniche, isolado numa cela. Foi apanhado em 1949.

Apesar de todas as contrariedades, de o governo mostrar aparente pujança para controlar os opositores, o operário acreditava que tudo mudaria em

breve, principalmente desde que se falava da criação de um movimento que apoiaria um determinado candidato às eleições presidenciais de 1958.

— O Salazar deixou de confiar no Craveiro Lopes. Este também não gosta do Botas, alcunha pela qual é conhecido o Salazar entre os que não vão com a sua cara. Assim, enquanto o primeiro vai apresentar um pau-mandado para ocupar o cargo de presidente, a oposição vai avançar com um candidato que, caso ganhe, poderá demitir o governo…

— Demitir?! Mas… isso é possível?

— Claro! Por incrível que pareça, a Constituição permite isso. Salazar demitido pelas regras que ele mesmo definiu será algo inacreditável!

Na despedida, Albano entregaria um pequeno embrulho ao seu jovem amigo.

— Toma. Este este livro é mesmo para ti. Os demais que te emprestei, aqueles que escondo sob um alçapão da loja do meu pai, podes devolvê-los na próxima vez que nos encontrarmos.

— E quando é que isso vai ser?

O operário coçou a barba mal semeada e pensou um pouco.

— Só para o ano. Tenho de voltar ao trabalho. A minha licença está a terminar. Estou praticamente curado — sorriu, fazendo balançar a bengala, à qual já se habituara.

O rapaz abriu o pacote e viu na capa, impresso a letras escuras e garrafais, o título.

— *Os Maias*?!

— Olha melhor.

Depois de folhear aquele livro, estancou na verdadeira capa.

— O que é isto?

Inclinando-se, Albano segredou o verdadeiro conteúdo daquelas páginas.

— Vais gostar — rematou, despedindo-se de seguida com um forte aperto de mão.

Belmiro nunca mais voltaria a ver o operário. Semanas depois, correu a notícia de que o Tóino da Chafarica perdera o único filho num acidente nos estaleiros do Barreiro. No entanto, a verdade era diferente. Tudo não passara de um simulacro organizado pela PIDE com o intuito de afastar do seio do operariado da companhia aquele indivíduo, um *comuna* que instigava à sublevação e à desobediência. Devido a uma vil denúncia feita por um bufo

a troco de uns míseros escudos, Albano ficaria com o seu destino fatalmente traçado.

— Caiu de um barco que estava a reparar. Coitado. Era um bom rapaz. Um pouco estouvado, mas bom rapaz… — comentariam alguns anciãos junto do caixão que continha o corpo daquele que, pouco depois, desceria à terra.

*

Dedicando-se à leitura de todos os livros que passara a ver como seus, Belmiro punha de lado as tarefas que o pai lhe pedia no trabalho que fazia como servente.

— O nosso filho 'Miro 'tá estranho… — comentava o pedreiro à mulher.

— Estranho?! — admirava-se Edmunda, descascando alfarrobas.

— Há semanas que anda muito sossegado. Já nem à porrada anda com os outros gaiatos! Deve ser dos livros…

— Deixa. Há-de passar — dizia a mulher, mordiscando um figo seco.

A soturnidade de Belmiro não passou, tendo-se agravado, para desespero de Amândio, agastado com o permanente absentismo do filho.

— Aqueles livros deram-lhe a volta à cabeça. Mas, afinal, o que é que o gaiato tanto lê? — bufava, arreliado por não ter quem o auxiliasse no trabalho.

Edmunda obteve a resposta quando descobriu na arrecadação, ao fundo do quintal, umas caixas contendo parte do acervo que pertencera a Albano Chafarica. Sobressaindo entre as páginas de um livro, um pasquim, onde se destacavam junto ao título uma foice e um martelo, fez com que tudo deixasse cair no chão.

— Valha-me São Francisco! Ó Amândio! Amândio, vem cá, homem!

Acocorado na pia que construíra junto à cozinha, descarregando a revolta que lhe acometera momentos antes os intestinos, o pedreiro assustou-se com os gritos. Saindo da barraca com as calças na mão, chegaria ao arrumo com os cueiros borrados.

— O que é que se passa? 'Tás doida?

Edmunda não ligou e limitou-se a apontar para os caixotes. Amândio tocou num dos livros.

— Livros? São livros! O que é que tem?

Como lia sofrivelmente, e como Edmunda era analfabeta, o pedreiro não compreendia o que continham as páginas que folheava.

— E que me dizes a esta coisa?

Apontando para o topo do jornal, a mulher mostrou aquilo que mais a atormentava naquele momento. Podia ser iletrada, mas aquele símbolo era inconfundível.

— Tornou-se comunista? Isto é que tem dado conta da cabeça ao gaiato! Coisas de gente tonta!

Logo deu instruções a Edmunda para que esta colocasse no forno do pão aquele exemplar do periódico do Partido Comunista Português.

— Se nos apanham com isto, vamos presos!

— E quanto ao resto desta tralha?

Após pensar uns instantes, o alvanel optou por deixar aquele espólio no lugar.

— Vou tratar de saber se vale alguma coisa ou se é melhor mandar tudo prò fogo. Vou falar com o mestre-escola. Ele sabe ler melhor do que qualquer um de nós.

Edmunda aprovou a decisão. O facto de há algumas semanas ter consertado umas quantas telhas da cobertura da casa do professor permitira a Amândio estreitar relações com este.

— Mas também vais falar daquele jornal do demo? — sobressaltou-se ela.

— Nã! 'Tás tonta? Aquilo é como se nunca tivesse cá 'tado em casa. Sei lá eu o que é que o Bolota poderia ficar a pensar de nós se lhe aparecesse com aquilo.

*

Abelardo Bolota era um severo docente que aportara em São Brás de Alportel depois de ter passado pela tropa em Tavira. Ligeiramente vesgo, nariz aquilino, com um proeminente maxilar inferior, exibia o cabelo constantemente besuntado em brilhantina, repuxado desde a parte de trás da orelha esquerda até à homóloga direita, para esconder a careca. Natural de Cabeço de Vide, era um empertigado solteirão que tinha dificuldade em disfarçar as inclinações sexuais e que recorria a uma cana-da-índia para descarregar as frustrações nos lombos, cabeças e mãos dos alunos quando estes se distraíam ou quando cometiam algum erro.

— Isto… isto… isto é heresia! — arfava o professor quando Amândio lhe depositou na secretária um dos livros que Belmiro escondera.

O pedreiro ficou confundido com a manifestação. Afinal, era apenas um livro, cheio de letras e sem qualquer imagem.

— O que é? O que tem?

Abelardo, com acentuada pronúncia, explicou o que o jovem andava a ler.

— Noutros tempos, seria queimado na fogueira como um blasfemo! Se a polícia sabe que o gaiato anda lendo estas cousas, desterra-o prà Índia, ou até mesmo pra Timor.

O pedreiro, não obstante assustado, quis saber qual era, afinal, o conteúdo daquela obra.

— Cousas de comunistas. Este — Bolota pegava no livro como se fosse um pedaço de madeira pronto para queimar —, especialmente, é de um dos maiores hereges que já passaram pela terra. A mãe deste Marx nunca devia ter nascido!

Ao escutar aquele nome, Amândio estremeceu. *Queres ver que o gaiato anda mesmo desencaminhado?*

— Santa Mãe de Deus! — exclamou Edmunda quando soube, mais tarde, do teor da conversa do marido com o professor. — Se a PIDE sabe, prende logo o menino!

Nessa noite, à ceia, Belmiro seria confrontado. Estranhamente, não se mostrou perturbado com as ameaças paternas.

— Faça isso. Denuncie-me aos pides. Mande prender o seu próprio filho.

Vociferando, o chefe da família fez com que as paredes da casa estremecessem.

— Devia obrigar-te a comer aquela merda de jornal! Pensaste no perigo que corremos caso a polícia saiba que existem coisas dessas aqui?

Encolhendo os ombros com indiferença, o jovem enfrentou o olhar duro do pai e ousou levantar-se da mesa sem autorização, o que fez com que o pedreiro, perdendo a compostura, o esbofeteasse.

— Ai, homem, que o matas! Tem piedade! — suplicou a mulher, aflita.

Tal só sucederia quando um fio de sangue assomou na comissura dos lábios do rapaz. Angustiada, Edmunda tratava de mandar os restantes filhos — dois rapazes e duas raparigas — para a cama.

Nessa noite, apenas as crianças conseguiriam dormir, ainda que o seu sono tivesse sido agitado.

Depois de ter contado como adquirira os livros, cedendo a custo à fúria paterna, Belmiro foi obrigado a permanecer à mesa até o pai, com dificuldade, terminar a ceia. Edmunda, do lado oposto, nada mais comeu. O mesmo

sucedeu com o rapaz, que não se esforçou por limpar a mancha de sangue com que ficara junto à boca. Os seus olhos chispavam faíscas de ódio, mas um empedernido orgulho impedia-o de chorar.

As dores maiores não provinham das bofetadas, mas do espírito. Como se as humilhações que ao longo da vida sofrera devido à deficiência no pé não tivessem sido suficientes, queriam agora obrigá-lo a abjurar tudo o que aprendera através dos livros de Albano, tudo o que em pouco tempo o levara a ter uma visão diferente do mundo. Afinal, com dezasseis anos, já não era um gaiato, mas um homem feito, de costas largas e peito forte, exibindo no queixo e sob o nariz pelos de uma barba que em breve despontaria com pujança.

Rangendo os dentes, Belmiro manteve o olhar perdido até este se fixar na navalha que o pai tinha depositado ao lado do prato e que servia para cortar o pão e o chouriço.

Pressentindo aquilo que ia na cabeça do rapaz, Edmunda apanhou o pequeno cutelo e guardou-a na gaveta que existia sob o tampo da mesa. Amândio questionou a mulher com um esgar, mas nada disse, ignorando os pensamentos do filho, desconhecendo que estes o tinham perigosamente conduzido para o lado mais selvagem do ser humano.

— Vou até à taberna — anunciou, levantando-se da mesa.

A mulher conhecia há muito o significado daquelas palavras. Sempre que o marido estava melindrado, ia até à tasca, não para afogar as decepções em vinho ou em medronho, mas para espairecer ideias numa jogatana de damas ou de cartas. Isso fazia com que regressasse a casa, volvido pouco tempo, mais aliviado.

— O teu pai tem razão, filho. Se algum pide sabe o que andas lendo, prende-te logo. Olha que não foi fácil convencer o professor Bolota a ficar calado. O teu pai teve de dizer que não era preciso pagar o arranjo do telhado da casa…

Belmiro levantou-se subitamente, indignado.

— Bufo e chulo! Esse mestre-escola é um informador da PIDE, um chulo e um mariconço! Por isso é que o mundo tem de mudar.

Edmunda contemporizou. Eram acusações graves, mas aquele não era o momento ideal para as desmentir.

— Tens de ter calma. Nunca vi o teu pai assim. Ele só quer o teu bem. Nenhum pai quer que o seu filho seja preso ou desterrado. Aqueles livros têm de sair cá de casa.

O rapaz fingiu não ouvir. Na manhã seguinte, ele mesmo trataria de levar o espólio de Albano Chafarica para lugar seguro, nem que tivesse de o enterrar em plena Serra do Caldeirão, num qualquer ermo isolado do resto do mundo.

Os desejos de Belmiro não se concretizaram. Quando o Sol despontou, foi à arrecadação para levar os livros dali para fora, mas deparou-se com caixotes vazios.

— Mãe, onde estão?

Edmunda baixou os olhos para não responder, porém acabaria a confessar que, antes de a noite terminar, Amândio enfiara os livros no forno onde semanalmente coziam o pão. Àquelas horas, tudo o que deles restava eram punhados de cinzas.

Calado, Belmiro voltou costas e, com os punhos fechados, dirigiu-se com o seu típico claudicar até à porta da rua. Ia preparado para confrontar o pai, que, por esses dias, trabalhava numa obra junto à Ermida de São Sebastião, não longe de casa.

— Ora, viva! — sibilou um indivíduo com uma expressão sinistra assim que a porta se abriu. — É aqui que vive o Amândio Tereno, também conhecido como Amândio da Adiça?

Tendo seguido o filho para evitar que este cometesse algum disparate, Edmunda recuou dois passos ao avistar aquele estranho.

— Valha-me São Francisco! — deixou escapar entredentes. — Pides!

Mais uma vez, o seu instinto não a enganara. Na rua, num automóvel a trabalhar em ponto morto, dois outros agentes aguardavam aquele que então se encontrava à porta daquela modesta habitação.

Sem se assustar, Belmiro confirmou o que lhe fora perguntado.

— E tu, rapaz, és o filho mais velho do Amândio?

Ao dar a resposta, o pensamento preparou-o para o que teria de enfrentar. Apesar de ter demorado mais tempo a perceber quem é que se encontrava à sua frente, a visão do veículo e daqueles que neste se encontravam facilitou a decifração daquela imagem.

Apressando-se a chegar junto do filho, Edmunda tentou parecer calma.

— 'Dia! Que se passa? Quem é vossemecê?

O agente da PIDE exibiu um sorriso escarninho, mostrando dentes escurecidos, mal tratados, sobressaindo entre estes o brilho de um canino em ouro.

— Preciso de fazer umas perguntas a este rapaz. A senhora deve ser a mãe…

Edmunda sentiu um calafrio. Já ouvira histórias suficientes de gente que tivera problemas com as autoridades para saber que, apesar de não ter qualquer relação com aquilo que o filho pudesse ter feito de errado, também podia ser acusada de actividades subversivas pelo simples facto de ser… mãe!

Quando fez questão de se afastar para que o agente entrasse em casa, a mulher foi contrariada com um gesto de Fiúza, conforme se apresentou aquele membro da polícia política.

— O rapaz tem de ir à GNR.

Perante a expressão de pânico da mulher, o agente ironizou.

— Só queremos perguntar umas coisas ao miúdo.

Enquanto via o filho entrar na viatura, um turbilhão de sentimentos abalou o íntimo de Edmunda. Tinha de fazer qualquer coisa. Pelo que podia perceber, o professor denunciara Belmiro junto da PIDE. Afinal, o rapaz tinha razão.

— Bufo! Maldito sejas! Arderás no inferno!

Deixando a casa entrega à filha mais velha — os restantes petizes estavam na escola, a ter aulas com… Abelardo Bolota! —, Edmunda correu até junto da ermida para avisar o marido.

*

No automóvel, sentado entre agentes, Belmiro pareceu enfadado, como se aquilo não passasse de uma maçada provocada por um equívoco. Albano prevenira-o para situações daquelas.

— Quando esses gajos surgem, o melhor é parecermos simultaneamente submissos e enfastiados. Se começamos a tremer e a balbuciar, gozam logo o prato. Se tentamos fugir, nem que seja por instinto, somos logo considerados culpados.

O jovem reflectia nessas palavras e esforçava-se por as colocar em prática, fingindo não dar conta dos olhares de censura dos polícias. *Afinal, nada fiz de mal*, pensava.

Uma vez no posto, Fiúza fez questão de interrogar pessoalmente o empertigado fedelho.

— Andaste a ler coisas que não são para a tua idade… nem para a tua inteligência!

… e se os quisermos baralhar, há que fazer com que fiquem convencidos de que são os donos da verdade. Não há nada pior do que um agente quando este julga que está a ser comido por parvo, ressoavam as indicações de Albano.

— Pois foi… — observou Belmiro, resignado, apontando para a mancha escura junto ao lábio. — O meu pai avisou-me…

O agente riu-se, um riso semelhante ao de uma hiena, macabro, capaz de eriçar os cabelos de um morto.

— O teu pai é um homem sensato. Já fez parte do meu trabalho… Assim, não será necessário haver *aquecimento*.

Aquela ameaça velada fez com que uma gota de transpiração começasse a escorrer pela testa do filho de Amândio, ameaçando trair-lhe a aparente confiança e descontracção.

— Pois é — ousou acrescentar. — Fui parvo. Devia ter ido logo falar com ele, mas…

— … mas? — fazendo sinal, Fiúza insistiu para que o interrogado continuasse.

— … mas fiquei iludido.

— Iludido?! Vejo que leste demais. Isso é uma palavra cara para um analfabeto como tu.

Analfabeto?!, insurgia-se o pensamento do jovem. *Sabes lá os livros que li, as coisas que sei! Tomara tu um dia vires a aprender metade daquilo que o Albano me ensinou!*

Ignorando aqueles pensamentos, Fiúza teimava nas questões com impaciência típica de quem tinha pressa. Impunha-se descobrir quais as obras proibidas que haviam sido lidas para perceber se aquilo era uma situação séria ou algo que podia ser resolvido ali mesmo com uma boa tareia, um correctivo que ficasse gravado por muito tempo na memória daquele que o obrigara a viajar desde Faro.

… e só vim porque aquele seboso do Bolota insistiu. O tipo estava mais histérico do que uma virgem com um pirilau nas mãos!, ruminava enquanto esperava por uma explicação.

— Só li… melhor, tentei ler. Aquilo é coisa complicada. Mas, dizia, só tentei ler dois.

— Quais?

— Um tal de *Manifesto* e um chamado… chamado…

Perante tanta hesitação, o agente da PIDE arreganhou a dentição estragada, deixando à vista o brilhante dente de ouro, e deu um murro no tampo da secretária.

— Desembucha se não queres ficar a pão e água durante uns tempos numa solitária, cabrão de merda!

— … chamado de *Garibéus*… ou *Girabéus*… ou…

— *Gaibéus*, minha besta!

— Sim, isso! — confirmou Belmiro com um sorriso de ingenuidade.

— Onde é que arranjaste esses livros? Não foi, certamente, na biblioteca de Faro!…

A explicação não convenceu o inquisidor. Despindo o casaco, arregaçando as mangas e desapertando a gravata, Fiúza aproximou-se do ouvido do rapaz e silvou algumas palavras com o seu hálito pestilento.

— Estás a dizer que foi aquele *comuna* do Albano, o filho do merceeiro que faleceu há uns tempos nos estaleiros da CUF, quem quis catequizar-te?

O interrogado respondeu com um subserviente aceno de cabeça.

Afastando-se um pouco, não desviando o olhar de ave de rapina da cara do inquirido, perscrutando-o em busca de um trejeito ou de outro sinal que o denunciasse como intrujão, o agente suspirou ruidosamente após tensos segundos de silêncio.

— Dado o passado dele, até estou disposto a acreditar nessa desculpa mal engendrada. Essa escumalha não tem qualquer pejo em agarrar em idiotas como tu para os transformar em fiéis lacaios dos ateus de Moscovo.

Belmiro mostrou-se contrito, como se estivesse num confessionário a escutar o responso de um padre depois de ter contado pecados que cometera.

O polícia insistiu.

— E onde estão esses livros?

Quando soube que Amândio tinha, nessa madrugada, colocado os livros no forno, Fiúza bufou pesadamente.

— Vou confirmar a história junto do teu pai. Se estás a enganar-me, garanto-te que não escapas de ser enviado para o desterro — ameaçou, aproximando-se novamente do indagado, inclinando na sua direcção o rosto chupado, mal escanhoado e repleto de crateras, lembranças de uma varicela tardia e feroz.

Os elementos da polícia política não precisaram de se esforçar para descobrir o paradeiro de Amândio. O agitado pedreiro já se encontrava no interior

das instalações da GNR quando o agente da PIDE que liderava aquele destacamento acabou de interrogar o rapaz.

— Ah, você é que é o pai daquele infeliz!

O alvenel sentiu as pernas fraquejarem.

— Sim, doutor, sou o pai do 'Miro.

Alcides Fiúza fitou com desdém aquele que servilmente se mantinha à sua frente. *Não vales um chavelho! Só falta mijares-te plas pernas abaixo!*

Atrás de Amândio, Edmunda tremia devido à correria e aos nervos.

Ali mesmo, defronte dos guardas-republicanos do posto, os representantes da PIDE trataram de rebaixar o pedreiro, ameaçando-o com o envio compulsivo do filho para África ou, pior, para as selvas de São Tomé ou de Timor se não tivesse mão nele.

O humilde Amândio somente conseguiu sussurrar um pouco audível «sim, senhor!»

— Leva-me daqui aquele pirralho! — rosnava Fiúza. — Ele tem muita falta de estalo. Agora, com esta idade, não sei se há remédio. Constou-me que não é grande amigo do trabalho… como qualquer comunista! Esses só sabem fazer barulho.

*

Durante os três anos seguintes, Belmiro permaneceu igual a si mesmo, saltando de trabalho em trabalho depois de se ter incompatibilizado definitivamente com o pai. Apesar de continuar a mostrar-se rebelde e insubmisso, a experiência que passara com a PIDE serviria para lhe refrear os ânimos, ganhando mais consciência do que dizia e pensava.

A deficiência física que tanto o atormentava acabou por o livrar da tropa. Curiosamente, apesar de considerar a conscrição uma das expressões máximas do estado autoritário e fascista — conforme se recordava das palavras de Albano —, essa situação deprimi-lo-ia. Mais uma vez, aquela maldição de nascença perseguia-o, impossibilitando-o de se mostrar como igual entre os demais da sua terra.

— Pelo menos fico cá a tomar conta das apaixonadas daqueles que vão para os quartéis fazer a recruta — ironizava, tentando com isso disfarçar um outro complexo que o atormentava, o de nunca ter tido uma namorada.